

OS IMPACTOS DA ALFABETIZAÇÃO TARDIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

Anna Júlia dos Reis Silva Rosa, Maria Angélica Gomes Maia.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, annajreisilva@gmail.com, angelicamaia65@outlook.com.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos da alfabetização tardia no Ensino Fundamental II, considerando suas causas, consequências e estratégias de superação, a partir da experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola municipal da zona norte de São José dos Campos-SP. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e em observações realizadas durante atividades do PIBID, com alunos do 6º e 7º ano em processo de alfabetização. Os resultados evidenciam que a alfabetização tardia compromete o desempenho acadêmico, dificulta a compreensão de conteúdos, reduz a participação escolar e afeta a autoestima. Foram observados casos de isolamento social e desmotivação, além de impactos futuros na inserção profissional. Conclui-se que a atuação de programas como o PIBID, aliada a políticas públicas que sejam de fato efetivas e metodologias adaptadas, são fundamentais para promover a inclusão escolar e o direito à aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização. PIBID. Inclusão Escolar.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Educação.

Introdução

A alfabetização é um direito básico e um dos primeiros compromissos da escola com o estudante. Mais do que decodificar letras, trata-se de um processo que garante o acesso ao conhecimento, à comunicação e à participação social. No Brasil, tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) quanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelecem que o ciclo de alfabetização deve estar consolidado até o 2º ano do Ensino Fundamental. No entanto, na prática, essa meta ainda não é alcançada para todos os alunos, e muitos avançam para séries a frente sem o domínio da leitura e da escrita. Esse atraso configura a chamada alfabetização tardia, que representa um dos grandes desafios da educação brasileira.

As consequências desse fenômeno são amplas e vão além da dificuldade em acompanhar os conteúdos escolares. Para Soares (2020, p. 37), a defasagem na alfabetização repercute em todas as áreas do conhecimento, tornando o aluno mais vulnerável a reprovação e a evasão, o impacto, entretanto, não se restringe ao campo acadêmico. Nogueira (2006, p.72) observa que o fracasso escolar repercute diretamente na autoestima do estudante, provocando insegurança e retraimento. Nesse mesmo sentido, Ferreira e Teberosky (1999, p.35) demonstram que o desenvolvimento da leitura e da escrita só se consolida quando há interações significativas e mediações adequadas, o que muitas vezes não ocorre no percurso de alunos com defasagem.

Além disso, é preciso reconhecer que a alfabetização não se limita ao espaço da escola. Freire (1987, p. 11) lembra que alfabetizar é permitir a leitura crítica do mundo, o que envolve tanto a prática escolar quanto a participação da família e da comunidade. Nesse sentido, quando a escola e família não caminham juntas, as dificuldades se intensificam, já que o estudante não encontra continuidade em seu processo de aprendizagem fora do ambiente escolar. Essa falta de articulação reforça a exclusão social e limita as possibilidades de desenvolvimento integral do aluno.

Diante desse cenário, este artigo apresenta uma análise sobre os impactos da alfabetização tardia no Ensino Fundamental II, a partir de experiências observadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola municipal da zona norte da cidade de São José dos Campos, estado de São Paulo. O objetivo central é compreender as implicações acadêmicas, sociais e futuras desse fenômeno, bem como refletir sobre a importância de um trabalho integrado entre escola, família e universidade na promoção da inclusão escolar.

Metodologia

Esse estudo tem abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, desenvolvido a partir de observações diretas e registros de práticas pedagógicas no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da zona norte de São José dos Campos – SP, que, no período da manhã, atende turmas no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano – Anos Finais), que conta com alguns estudantes em processo de alfabetização, ou que apresentam defasagem significativa em leitura e escrita.

A coleta de dados ocorreu ao longo do primeiro semestre de 2025, durante a participação semanal (Segundas e Quartas-Feiras) da bolsista do PIBID, nas atividades escolares. Foram realizadas atividades de sondagem e aplicadas intervenções pedagógicas planejadas em conjunto com a professora supervisora do projeto na escola, incluindo jogos educativos, atividades de leitura, escrita e interpretação e pequenas produções de texto guiadas.

As informações foram registradas em um diário de bordo, contemplando: descrição do perfil de cada aluno, estratégias utilizadas, reações e participações dos alunos para com as atividades, além de discussões a respeito das dificuldades e avanços percebidos.

Todo o procedimento foi realizado respeitando as diretrizes éticas de pesquisa em educação, preservando a identidade dos participantes e assegurando que a coleta de informações ocorresse exclusivamente em situações autorizadas pela escola e supervisores do programa.

A figura 1 ilustra uma atividade realizada com um aluno de 7º ano do Ensino Fundamental, evidenciando o engajamento e a interação durante a aprendizagem das letras e das palavras, esse registro visual reforça a importância de abordagens lúdicas e personalizadas no enfrentamento da alfabetização tardia, demonstrando que experiências concretas e participativas podem estimular o interesse e a confiança dos estudantes, fatores que são fundamentais para a construção da leitura e da escrita.

Figura 1 – Aluno participando de um jogo de alfabetização.



Fonte: Reis, 2025.

Resultados

A análise das observações realizadas no contexto do PIBID e da revisão bibliográfica permitiu identificar três dimensões principais dos impactos da alfabetização tardia: acadêmica, social e futura.

1.0 Dimensão acadêmica: a alfabetização tardia compromete a compreensão de conteúdos em todas as disciplinas. No Ensino Fundamental II, espera-se que o aluno seja capaz de ler textos de maior complexidade, interpretar gráficos e produzir textos dissertativos. Alunos não alfabetizados ou com baixo nível de letramento, encontraram barreiras para acompanhar o ritmo da turma, o que pode levar a notas baixas e reprovações.

Durante as atividades do PIBID, constatou-se que alunos com dificuldade de leitura e escrita apresentavam grande dependência de apoio individual para compreender tarefas simples para sua idade. Além disso, professores relataram a dificuldade de conciliar o conteúdo previsto no currículo com a necessidade de intervenções personalizadas, o que contribui para o acúmulo de defasagens e a manutenção de um ciclo de fracasso escolar.

1.1 Dimensão social: do ponto de vista social, a alfabetização tardia pode gerar estigmatização. Alunos que não conseguem acompanhar as atividades podem ser alvo de preconceito, por parte de seus colegas, familiares, dentre outros, o que resulta em retraimento social e baixa participação nas aulas.

Nas observações do PIBID, notou-se que muitos alunos evitavam situações de exposição, como por exemplo, leitura em voz alta ou escrita no quadro, demonstrando receio de errar diante das pessoas presentes em sala. Em atividades em grupo, alguns estudantes assumiam apenas funções que não demandassem leitura e escrita. Essa exclusão velada contribui para a diminuição da autoestima e para o aumento da ansiedade escolar.

1.2 Perspectivas futuras: a alfabetização tardia também compromete as oportunidades futuras, ou seja, jovens que concluem o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio sem pleno domínio da leitura e escrita enfrentam dificuldades no mercado de trabalho, especialmente em funções que exigem comunicação escrita e interpretação de informações.

No caso observado e relatado, havia estudantes que, apesar de estarem próximos da conclusão do Ensino Fundamental II, não possuíam autonomia para interpretar enunciados simples, o que limita seu acesso a avaliações e processos seletivos. Assim, a alfabetização tardia perpetua desigualdades sociais e econômicas, restringindo as possibilidades de ascensão escolar e profissional.

Discussão

Os resultados obtidos confirmam que a alfabetização tardia compromete o desempenho escolar, a socialização e as perspectivas futuras dos estudantes. Essa afirmação está em consonância com Moraes (2012, p. 23), que destaca que o atraso na apropriação do sistema de escrita alfabética compromete não apenas a leitura e a escrita, mas também a aprendizagem de outras áreas do conhecimento, impactando o percurso escolar do estudante. Durante as observações realizadas no PIBID, foi possível perceber que essas dificuldades não ficam restritas às aulas de Língua Portuguesa, mas se estendem para áreas como Ciências, História e Matemática, nas quais a interpretação textual é essencial. Dessa forma, o atraso na alfabetização compromete não apenas o rendimento imediato, mas também a possibilidade de avançar com segurança nos conteúdos escolares.

À luz de Vygotsky (1991, p.97), é possível compreender que os alunos observados não alcançaram integralmente sua Zona de Desenvolvimento Proximal, devido à ausência de mediação adequada nos anos iniciais. Essa análise se confirma nos relatos dos professores, que destacaram a necessidade constante de apoio individualizado. O próprio contexto do PIBID mostrou que quando os alunos recebiam uma mediação mais próxima, utilizando recursos visuais, jogos ou leitura compartilhada, conseguiam demonstrar avanços, isso reforça a ideia vygotskiana, de que o desenvolvimento cognitivo é potencializado quando há interação com o outro, especialmente em atividades colaborativas.

Os dados também dialogam com Wallon (1979, p. 45), que relaciona o fracasso escolar a impactos emocionais, como frustração e retraimento. Foi evidente, nas observações em sala, que alguns alunos evitavam ler em voz alta ou participar de determinadas maneiras, por medo de se expor ao erro. Essa evitação pode ser interpretada como uma tentativa de se proteger de situações de constrangimento, mas acaba limitando ainda mais sua participação escolar. O vínculo afetivo estabelecido nas práticas na escola, mostrou-se um fator relevante, pois, quando havia acolhimento e incentivo, os alunos se mostravam mais confiantes para se arriscar.

Outro aspecto importante identificado foi a falta de articulação entre escola e família. Muitos responsáveis não acompanham o processo de aprendizagem dos filhos de maneira contínua, o que reforça a dificuldade de superar a defasagem. A ausência desse caminhar conjunto faz com que o aluno fique restrito apenas ao que acontece no espaço escolar, sem a criação de hábitos de leitura e escrita no ambiente doméstico. Essa constatação reforça a perspectiva de Parolin (2009, p. 58), que destaca que o envolvimento da família no processo escolar é decisivo para consolidar aprendizagens, pois o estudante que recebe apoio em casa tende a desenvolver maior autonomia e motivação. Quando a escola e a família caminham separadas, as dificuldades se ampliam e o processo de alfabetização perde continuidade.

Em síntese, o enfrentamento da alfabetização tardia não depende apenas da escola, mas de uma ação integrada que envolva professores, famílias e políticas públicas consistentes, investir em programas que aproximem universidade e escola é fundamental para assegurar oportunidades de aprendizagem para todos.

Conclusão

A análise desenvolvida mostra que a alfabetização tardia é um desafio que vai muito além da simples dificuldade com a leitura e escrita, ela impacta o desempenho escolar, limita a participação social dos alunos e interfere diretamente nas oportunidades futuras, tanto no âmbito acadêmico, quanto profissional. Durante as atividades realizadas no contexto do PIBID, ficou claro que cada estudante enfrenta obstáculos particulares, e que o apoio individualizado é fundamental para que eles avancem.

Além disso, percebe-se que a alfabetização tardia não pode ser tratada isoladamente, é preciso esforço conjunto da escola, da família e de programas institucionais, que promovam aproximação entre universidade e realidade escolar, oferecendo suporte aos professores e estratégias pedagógicas mais inclusivas.

Em resumo, superar a alfabetização tardia exige paciência e dedicação, é um caminho que demanda atenção às necessidades de cada aluno, inovação no ensino e políticas educacionais consistentes, para que todos tenham a oportunidade de aprender de fato e de se desenvolver plenamente.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 18. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Fracasso escolar: um olhar sociológico**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

PAROLIN, Isabel. **Escola e família: uma relação possível?** Petrópolis: Vozes, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1979.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro. À equipe da escola municipal parceira, localizada na zona norte de São José dos Campos, e à Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP.